



**INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**JOSÉ RIBAMAR SILVA JUNIOR
ROGERIO RODRIGUES CORREA**

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO AUTISMO

Paço do Lumiar - MA
2021



**INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**JOSÉ RIBAMAR SILVA JUNIOR
ROGERIO RODRIGUES CORREA**

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO AUTISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Ensino Superior Franciscano
como requisito à obtenção do título Licenciatura
em Educação Física

Orientador: Prof. Me. Nivaldo Soares
Junior

Paço do Lumiar - MA
2021

**JOSÉ RIBAMAR SILVA JUNIOR
ROGERIO RODRIGUES CORREA**

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO AUTISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Ensino Superior Franciscano
como requisito à obtenção do título Licenciatura
em Educação Física

Orientador: Prof. Me. Nivaldo Soares
Junior

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº (Orientador)

1º Examinador(a)

2º Examinador(a)

RESUMO

O autismo é uma condição que está presente em boa parte da população mundial e geralmente é diagnosticada nos primeiros anos de vida, quando criança, porém nem sempre há o tratamento inicial, e a pessoa pode desenvolver uma dificuldade de relacionamentos e comportamentos repetitivos. O objetivo do artigo é discorrer sobre a importância da educação física no contexto do autismo. A metodologia do artigo é baseada em revisão bibliográfica de literatura, com artigos coletados em bases de dados científicos como SciELO, Google Acadêmico e Portal CAPES. A educação física é uma área muito importantes para o desenvolvimento de hábitos saudáveis, promovido desde a infância em instituições de educação, e os resultados obtidos nas pesquisas revelam uma grande influência positiva em pessoas com espectro autista, no contexto da inclusão e na mudança de comportamento padrão, fator que mais afeta as pessoas com autismo, portanto é um fato que a educação física é importante para a melhora da qualidade de vida de pessoas autistas e deve ter cuidado especial para essas pessoas, com aplicações metodológicas especiais. O artigo explorou as influências da educação física no contexto de inclusão e melhora da relação de pessoas autistas e os dados coletados de artigos mostraram que a hipótese de haver resultados positivos é confirmada pelos dados obtidos.

Palavras chave: Autismo. Educação Física. Educador.

ABSTRACT

Autism is a condition that is present in a large part of the world population and is usually diagnosed in the first years of life, as a child, but there is not always initial treatment, and the person can develop difficulties in relationships and repetitive behaviors. The aim of the article is to discuss the importance of physical education in the context of autism. The methodology of the article is based on a literature review, with articles collected in scientific databases such as SciELO, Academic Google and Portal CAPES. Physical education is a very important area for the development of healthy habits, promoted from childhood in educational institutions, and the results obtained in research reveal a great positive influence on people with autism spectrum, in the context of inclusion and behavior change pattern, a factor that most affects people with autism, so it is a fact that physical education is important to improve the quality of life of autistic people and that special care should be taken for these people, with special methodological applications. The article explored the influences of physical education in the context of inclusion and improvement in the relationship of autistic people and the data collected from articles showed that the hypothesis of positive results is confirmed by the data obtained.

Key words: Autism. PE. Importance

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	MATERIAIS E MÉTODOS	7
2.1	Tipo de estudo	7
2.2	Amostra	7
2.3	Procedimentos de coleta de dados	8
2.4	Análise estatística	8
3	RESULTADOS	9
4	DISCUSSÃO	11
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
10	REFERÊNCIAS	16

INTRODUÇÃO

O autismo foi descrito inicialmente por Kanner, em 1943, embora já existisse alguns casos relatados, ele detalhou muito bem o autismo em teoria, descrevendo como um distúrbio inato do contato afetivo, pois ele observou que pessoas com espectro autista não tinham interesse em se relacionar com outras pessoas, mantinham-se afastadas, e isso foi um fator macante no estudo do autismo, o fator antissocial e o comportamento repetitivo e padronizado, com “esteriotipias”, que são comportamentos repetitivos sem objetivo claro, se tornam inconscientes para estas pessoas (VOLKMAR; WISNER, 2016).

O padrão de comportamento em algumas pessoas pode levar a desconfortos se não seguidos, a rotina é algo muito importante para uma pessoa com autismo, já que a fuga do padrão pode desencadear crises altamente estressantes, porém alguns estudos surgiram a respeito do autismo e descobriu-se que o diagnóstico foi mais precoce, é mais fácil de haver melhor interação social por parte da pessoa (VOLKMAR; WISNER, 2016).

Há muita variação com relação aos graus de desenvolvimento do autismo, os estudos neurológicos estão cada vez mais em ascensão, e a ciência está começando a entender a complexidade dos distúrbios que envolvem as conexões neurais, e um dos principais fatores em algumas pessoas com espectro autista é a disfunção intelectual (68%), epilepsia (26%), alterações sensoriais (95%) e comportamentos repetitivos e padronizados (23,3%), o que torna um problema relacionado ao neurodesenvolvimento, já que os quadros sempre aparecem na infância, e por isso muitas crianças desenvolvem uma personalidade altamente antissocial, pois não há a descoberta precoce, e a criança não consegue se desenvolver nas atividades, dificultando o enquadramento social e dificuldade de aprendizagem, por isso o autismo também é chamado de “autismo infantil (FERREIRA; OLIVEIRA, 2016).

O tratamento atual se baseia em medidas de intervenção educativa e comportamental, até pelo fato dos estudos estarem em processo de evolução, ainda não se conhece a fundo o que realmente resulta nesses padrões de comportamento, porém sabe-se que medidas de educação especializada de enquadramento e atividades de inclusão geram resultados muito positivos (FERREIRA; OLIVEIRA, 2016).

O autismo é uma síndrome que causa distúrbios de comportamento e intelectuais alguns estudos mostram que a atividade física é um grande fator de tratamento e de evolução do quadro de melhoras de muitos pacientes, isso porque além da atividade física estimular bastante o cérebro a ter uma melhor funcionamento, a parte do foco fica mais apurada, assim como a região do equilíbrio melhora (PEREIRA; FREITAS, 2021).

E nesse sentido, as relacionadas ao autismo e ao neurodesenvolvimento são de grande importância para o meio acadêmico e científico, já que são áreas que estão em evolução constante, sendo a neurologia, uma das que mais cresce, com as novas tecnologias como a biologia molecular e o mapeamento do cérebro se mostram o futuro do entendimento dos distúrbios de personalidade e disfunções cerebrais. E cada vez mais ue surgem estudos nessa área de forma interdisciplinar, esses estudos vão se complementando, tornando disponível o acesso a cada vez mais informações, e educação física é um ótimo aliado no processo de uma boa saúde, pois o organismo precisa de exercícios para um melhor funcionamento, e em relação às pessoas com espectro autista, que tem um nível de dificuldade de interação que varia de leve, moderado e grave pode ser uma ajuda grande, promovendo o enquadramento das pessoas.

Portanto, a pesquisa tem o objetivo de discorrer sobre a importância da educação física no contexto do autismo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia dessa pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica, de cunho qualitativo, tendo como base de dados as bibliotecas eletrônicas Google Acadêmico, SciELO e Portal CAPES para auxílio de estudos e entendimento acerca do tema abordado e usufruímos de auxílio de referências bibliográficas de livros e revistas científicas que direcionaram a pontos importantes sobre o assunto no qual abordaremos e para basear o desenvolvimento da fundamentação teórica, na construção do conteúdo os objetivos específicos foram: Abordar sobre o autismo, seu diagnóstico, e conceitos gerais; Mostrar a importância da educação física na saúde das pessoas com autismo.

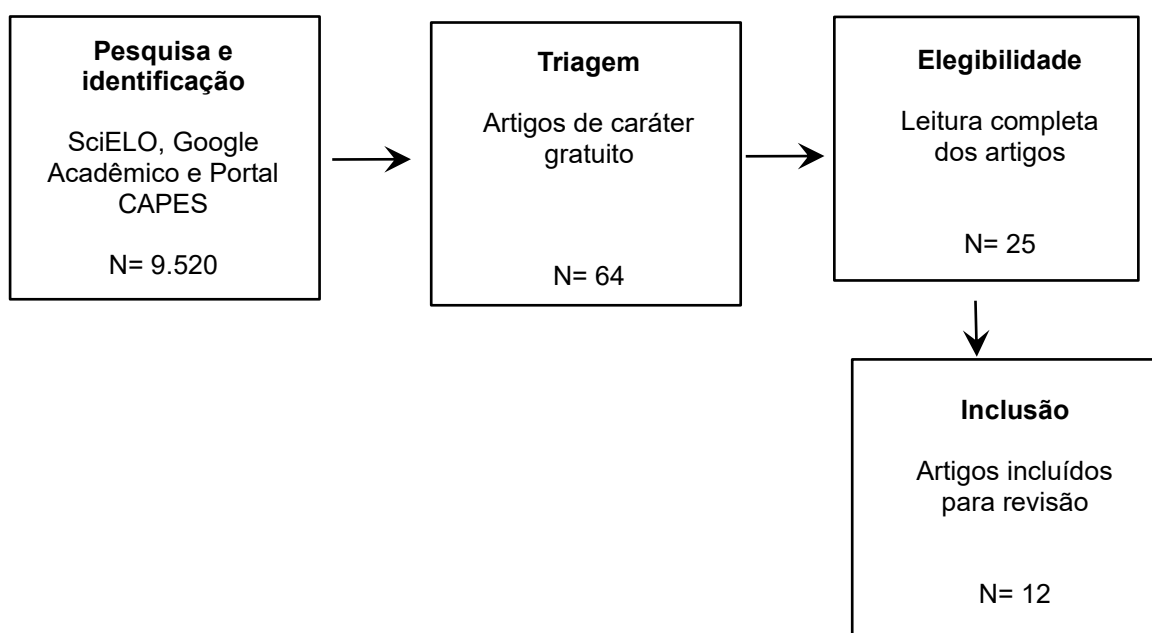
A escolha pela revisão bibliográfica surgiu para que pudéssemos analisar profundamente sobre quais as dificuldades que o professor de educação física enfrenta em uma aula inclusiva com alunos autista, e assim entender como fazer

com que essa aula tenha o estímulo necessário para esse aluno, dispondo-o compreender os malefícios de uma aula mal ministrada pode acarretar para um aluno com Transtorno do Espectro Autista.

A pesquisa limitou-se a artigos escritos em português no período de 2017 a 2021 e utilizou-se as seguintes palavras chaves para a pesquisa: Educação Física; Autismo; Educação Infantil.

Portanto, apesar de ser um assunto atual, para que essa revisão bibliográfica fosse construída de forma clara e objetiva, houve a necessidade de buscar pela literatura, onde através das pesquisas e estudos acerca da bibliografia juntamente a utilização de artigos científicos de múltiplos autores, foi iniciado o estudo e a construção do tema, com objetivo de contribuir significativamente para que as informações mencionadas nesta pesquisa tenham entendimento claro e objetivo principalmente na atualidade e nos anos posteriores.

Portanto, utilizou-se os filtros de pesquisas como período das publicações, leituras de títulos, resumos e análises dos assuntos abordados nos artigos selecionados. O critério de inclusão utilizado para a coleta de artigos foi pautado em artigos que tinham como temática o objetivo geral proposto para construção da artigo e que foram publicado entre os anos de 2017 e 2021. Já o critério de exclusão foi aplicado em artigos que não tinham como proposta a temática escolhida para construção do artigo, não possuindo conteúdos condizentes com o objetivo geral e que foram publicados antes do intervalo entre 2017 e 2021.



RESULTADOS

Aspectos do autismo

De acordo com Chicon et al (2019) as crianças que possuem um aspecto autista devem receber uma atenção especial, para se adaptarem a atividades que envolvem interação e inclusão, ou seja, trabalho em equipe, já que os resultados mostram que há uma grande dificuldade em relacionamento e trabalho em equipes observado nessas pessoas, especialmente crianças no ambiente escolar (CHICON et al., 2019).

O conjunto de técnicas inclusivas deve ser aprimorado pelos educadores, no estudo realizado de Chicon et al (2019) são propostas sugestões de indução de situações que a criança se sinta na necessidade de interagir com os outros alunos, tendo em vista a prática de interação social, para que a criança comece a participar mais das atividades esportivas durante as aulas (CHICON et al., 2019).

De acordo com os achados de Seize e Borsa (2017) no Brasil, o Ministério da Saúde tem suas diretrizes acerca das Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos de Espectro Autista (TEA). E nesse caso, o processo de adaptação é algo de suma importância durante o percurso de aprendizado, e os educadores devem estabelecer métricas para o aprendizado do estudante com espectro (SEIZE; BORSA, 2017).

No contexto do professor, de acordo com Nunes e Schmidt (2019) embora existam métodos padronizados e que ajudam na aplicação do ensino do aluno com espectro autista, o contexto individual de uma situação nunca deve ser deixada de lado, já que existem situações na qual a característica humana se sobressai sobre a técnica, mesmo com uma infinidade de técnicas pedagógicas que são consideradas ferramentas, elas servem para ajudar o aluno e o professor a se desenvolver, e criar um ambiente mais inclusivo, mas há uma grande porcentagem de imprevisto por parte dos professores (NUNES; SCHMIDT, 2019).

Ainda nos estudos de Nunes e Schmidt (2019) observa-se que o Brasil, embora tenha diretrizes voltadas ao ensino especial, na prática nota-se uma grande escassez de preparo dos profissionais ainda, e isso é um grande obstáculo a ser vencido, as análises revelam que isso dificulta a inclusão dessas pessoas, que são prejudicadas a longo prazo por não desenvolver desde criança uma maior capacidade interativa em meio às outras pessoas (NUNES; SCHMIDT, 2019).

Nos resultados obtidos por Viana et al (2020) nota-se uma relação muito importante entre os pais e a pessoa com espectro autista, já que a grande parte das pessoas não tem muito conhecimento acerca do tema, é mais difícil de lidar e observar os sinais manifestados, e por esses fatores primordiais, muitas vezes isso não é informado aos professores, o que torna mais difícil ainda o desenvolvimento por parte da equipe educacional escolar, inclusive a educação física, que na maior parte, promove práticas de atividade em equipe, na qual os alunos autistas têm mais dificuldade (VIANA et al., 2020).

Isso, ainda de acordo com Viana et al (2020) reflete a não aceitação por parte dos próprios familiares da condição especial do filho ou filha, que é negligenciado nos primeiros anos de vida, o que faz se intensificar e se tornar mais difícil reverter os quadros de estresse e comportamento altamente repetitivo que torna a convivência com o meio social muito mais difícil, em termos de adaptação (VIANA et al., 2020).

Importância da educação física dentro do contexto do espectro autista

As análises realizadas por Silva et al (2018) demonstram uma grande melhora na vida de pessoas autistas, especialmente no que se diz respeito ao controle motor, que é um dos aspectos explorados em quase todas as atividades esportivas e que ajuda muito, principalmente crianças autistas a melhorarem seu desempenho, mas além disso estímulo a parte do cérebro responsável pelo aprendizado, o que é bastante positivo para essas pessoas (SILVA et al., 2018).

De acordo com Ricco (2017) há uma grande quantidade de práticas esportivas e atividades relacionados a condicionamento física que podem ser realizadas nas escolas, promovidas por educadores físicos, que ajudam a melhorar os resultados de pessoas com autismo e com isso permitir que elas se desenvolvam, exemplos como atletismo, caminhada, futsal, futebol, vôlei, natação e várias outras, de forma especial e adaptada à pessoas que necessitam de um ensino especial.

Mas, ainda nos resultados de Ricco (2017), esse cenário não é possível em vários locais no Brasil, já que existem condições precárias, onde os estudantes não tem nem o básico para o ensino de educação física, o próprio professor, e nesse cenário vários problemas surgem, um deles a maior dificuldade de inclusão em atividades recreativas como prática de esportes e trabalho em equipe.

DISCUSSÃO

Os estudos realizados no campo do autismo caracterizam o autismo como sendo uma síndrome comportamental, que afeta a maneira de como a pessoa interage, se comunica e se comporta em meio à interação social. As pessoas autistas geralmente tem uma grande dificuldade em se enquadrar socialmente, já que tendem a apresentar padrões comportamentais diferenciados, porém não é em todos os casos, pois existem níveis de autismo e quando maior o nível, mais dificuldade a pessoa tem de interagir socialmente (CHICON et al., 2018).

É necessário, em meio a esses fatores, que os educadores busquem maneiras especiais de lidar com essas pessoas, promovendo uma educação inclusiva, para que a pessoa consiga desenvolver uma capacidade de interações sociais e isso se mostra muito importante na fase de crescimento, especialmente na infância, para que isso não se mostre mais difícil na vida adulta (CHICON et al., 2018).

Nesse sentido, sabe que pessoas com autismo, tem uma dificuldade muito grande de se comunicar com outras pessoas, resultando em maior esforço para participar de atividades que exijam um pouco mais de trabalho em equipe, como a atividade física, na qual as escolas oferecem aos estudantes, e isso deve ser levado em conta pelos educadores físicos (PEREIRA; FREITAS, 2021).

Portanto, de acordo com o estudo realizado por Pereira e Freitas (2021) esse público exige uma atenção especial durante o processo da aplicação de aulas práticas nas atividades recreativas. É muito importante que haja informações do aluno disponíveis, para o professor promover a melhor forma de agir, especificamente com o aluno.

A participação de outras crianças e de adultos no desenvolvimento de uma criança autista é muito importante, isso porque, embora exista as dificuldades presentes na forma de interação da criança, muitas vezes mais introvertida, ajuda ao enquadramento social, e melhora a condição de saúde mental, pois a criança se sente mais segura de si e passa a gostar mais de ter outras pessoas por perto, melhorando a forma de interação, e isso vai se refletindo na vida adulta, mas em boa parte dos estudos, isso se mostra eficiente, logo que o autismo não é totalmente conhecido, mesmo com todo o avanço científico no ramo da neurociência, e precisa-

se de tempo para as respostas mais concretas se formarem sobre isso (CHICON et al., 2018).

A identificação precoce do autismo é muito importante, já que os sinais já podem ser notados no período da primeira infância, até os 3 anos de idade, o diagnóstico cedo ajuda os pais a intervirem o quanto antes, ajudando a criança a se desenvolver mais cedo, e ter mais facilidade no aprendizado, já que quanto mais tempo passar, mais difícil fica de ocorrer uma intervenção, pois os padrões comportamentais vão se tornando muito fortes, já que a característica introvertida é um fato em pessoas de espectro autista (SEIZE; BORSA, 2017).

A dificuldade de comunicação é um dos principais fatores que caracterizam o autismo, a linguagem, seja ela escrita ou pronunciada verbalmente são formas de expressões humanas para transmitir alguma mensagem, pessoas com autismo não tem essa capacidade tão desenvolvida, justamente pela dificuldade de aprendizado, elas acabam não tendo muito controle sobre as expressões e por isso afeta a forma verbal de se expressar, porém as pessoas que passam por processo de intervenção cedo, ainda na infância conseguem se desenvolver mais facilmente na maioria dos casos, porque exercitam a prática da interação desde cedo, para desenvolverem maiores habilidades nesse contexto (SEIZE; BORSA, 2017).

As pesquisas epidemiológicas atuais demonstram que a cada mil nascidos, 16,8 crianças tem algum espectro do autismo, isso equivale a 1 pessoa a cada 59, um número bem expressivo, e as escolas necessitam de um tratamento especial para essas pessoas, um tratamento especializado e com um grau técnico e humanizado (NUNES; SCHIMIDT, 2019).

Portanto, há muitas formas de intervenções no campo do autismo, são vários métodos aplicáveis, graças aos avanços em pesquisas no ramo da psicologia nessa área específica, junto aos conhecimentos médicos e sociais, isso melhorou bastante, mas o autismo não é algo tão simples, é uma síndrome comportamental e exige muito cuidado, pois a aplicação de vários métodos ao mesmo tempo pode ser ineficiente, e acabar confundindo a pessoa autista, que tem como prioridade a adoção de padrões, a variação desses padrões comportamentais pode levar não só a ineficiência dos vários métodos, como ao prejuízo do paciente (NUNES; SCHIMIDT, 2019).

O processo educacional de crianças com espectro autista tem se mostrado um desafio para os educadores, isso porque não é muito abordado nas graduações

conteúdos suficientes nessa área, e mesmo com toda a validação de algumas estratégias de intervenção, isso se mostra vago para os educadores, e a dificuldade de lidar com crianças autistas é fato, pois elas necessitam de cuidados especiais, formas de interação diferenciadas, para gerar maior eficiência nas atividades, e o educador deve estar preparado para lidar com isso. A deficiência de pesquisas específicas da pedagogia referente ao ensino de crianças autistas torna fraco o conhecimento disponível, o que aumenta a dificuldade de dados referentes a isso (NUNES; SCHIMIDT, 2019).

O processo de educar crianças com TEA sempre foi muito desafiador, já que a questão comportamental dessas torna elas as vezes muito difíceis de lidar e de se relacionar, e isso somado à falta de abordagens necessárias deixam as relações mais difíceis com esses alunos, e essa falta de preparo dos profissionais, que muitas vezes é desvalorizado no meio acadêmico torna o profissional da educação física despreparado para lidar com esse tipo de situação (COSTA; FERREIRA; LEITÃO, 2017).

Nesse contexto, de acordo com Pereira e Freitas (2021), isso afeta o processo das aulas práticas de educação física, já que na maioria das vezes, há um despreparo por parte da maioria dos profissionais que tem uma formação não tão focada nesse contexto. Isso gera um prejuízo, tanto nos profissionais que não tem tanto controle sobre as crianças que apresentam o espectro autista, quanto para os alunos que não adquirem habilidades necessárias para se desenvolver no processo de inclusão nas atividades físicas.

Pois sabe-se que a educação física, matéria que promove nas escolas, práticas de exercícios físicos, promove uma melhora muito grande na vida dos alunos que tem o espectro autista, tanto de forma inclusiva, quanto para a saúde física e psicológica, gerando bem estar, seguindo um modelo de saúde integral, com o princípio biopsicossocial (COSTA; FERREIRA; LEITÃO, 2017).

A forma mais eficaz de identificação do autismo é pela percepção de comportamentos específicos de pessoas em algum espectro autista, como o fator interação, diferente em pessoas autistas, porém existem outras formas como a análise de biomarcadores, mas eles não são um diagnóstico exclusivo, funcionam como fatores que podem indicar, é necessário que todos os pontos sejam analisados, tanto a análise biológica que pode ser alterações genéticas, alteração nos níveis de serotonina plasmática e marcadores metabólicos, quanto às análises

comportamentais, não se pode definir somente por biomarcadores se uma pessoa possui autismo, já que existem diversos fatores que causam essas alterações no organismo (VIANA et al., 2020).

A informação é crucial em qualquer contexto, e por isso estudos e pesquisas na área do contexto do autismo e a educação devem ser expostos, e as informações se tornam mais disponíveis, já que conhecimento nessa área é tão difícil e necessita de mais investimentos (VIANA et al., 2020).

Para crianças com autismo o modelo atual de prática de educação física é muito difícil de ser inclusivo, já que a capacidade de interação do aluno com espectro autista é menor e isso torna reduzido o convívio com os outros estudantes, pois as práticas esportivas em sua maioria demandam trabalho em equipe (SCHLIEMANN; ALVES; DUARTE, 2020).

É certo que os alunos com TEA sofrem com capacidade de interação menor, mas esse não é o único problema, além disso há uma grande sensibilidade observada no estudo, sensibilidades como a sonora, causada pelo barulho de muitas pessoas reunidas, que leva a criança a crises de pânico pela alta carga de estresse (SCHLIEMANN; ALVES; DUARTE, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa do tema referente ao autismo dentro do contexto da educação física tem uma grande relevância e se mostrou eficiente para o estímulo de outros estudos no ramo, já que existem diversos problemas relacionados a isso e que devem ser resolvidos com mais informações sendo coletadas em estudos.

O que se observou durante a pesquisa realizada foi que o autismo, é uma condição que afeta, principalmente os processos sociais, por causas como dificuldade de interações e comportamentos padronizado, causados por condições neurológicas que ficam hiperativas. Isso torna a pessoa em grande parte introvertida, pois a exposição ao ambiente com muitas pessoas, causa efeitos negativos na pessoa com espectro autista.

E mesmo com todos os benefícios, listados no decorrer do estudo, ainda há a dificuldade de enquadramento do aluno nas atividades, e isso se deve ao fato dos profissionais da educação física não receber um bom entendimento para esse tipo de situação, e por isso há uma importância de estudos baseados nessa área,

relacionando a educação física no contexto autista, para que haja mais preparação dos profissionais. Já que durante as pesquisas, o que se observou foi que a atividade física é muito importante para o desenvolvimento de pessoas autistas, e os estudos comprovam que ela promove efeitos em nível biológico, psicológico e social, e isso torna o bem estar dessas pessoas melhor, atendendo de forma mais eficiente a necessidade de saúde digna.

Portando, os profissionais atuantes na área da educação física devem ser mais atuantes nesses contextos, de ensino de pessoas com TEA, desenvolvendo métodos de atuação, para que ocorra uma melhora no desenvolvimento dessas pessoas, tanto nas questões físicas quanto nas questões sociais, principalmente no quesito interação.

REFERÊNCIAS

ARBERAS, Claudia; RUGGIERI, Víctor. AUTISMO: aspectos genéticos y biológicos. **Medicina**, Buenos Aires, v. 79, n. 1, p. 16-21, jun. 2019.

CHICON, José Francisco *et al.* Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Vitória, v. 41, n. 2, p. 169-175, fev. 2018.

COSTA, Camila Rodrigues; FERREIRA, Mariana Oliveira; LEITÃO, Marcelo Crepaldi. Aulas de educação física: : inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 26, p. 80-96, set. 2017.

FERREIRA, Xavie; OLIVEIRA, Guiomar. Autismo e Marcadores Precoces do Neurodesenvolvimento. **Revista Científica da Ordem dos Médicos**, Coimbra, ano 2015, v. 29, ed. 3, p. 168-175, 26 out. 2015.

NUNES, Débora R. P.; SCHMIDT, Carlo. EDUCAÇÃO ESPECIAL E AUTISMO: das práticas baseadas em evidências à escola. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 84-104, set. 2019.

PEREIRA, Felipe Soares; FREITAS, Josiane Fujisawa Filus. ATIVIDADE FÍSICA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE PERIÓDICOS BRASILEIROS. **Cenas Educacionais**, Caitité, ano 2021, v. 4, ed. especial, p. 1-14, 2021.

SCHLIEMANN, André; ALVES, Maria Lúza Tanure; DUARTE, Edison. Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. , n. 34, p. 77-86, jul. 2020.

SEIZE, Mariana de Miranda; BORSA, Juliane Callegaro. Instrumentos para Rastreamento de Sinais Precoces do Autismo: revisão sistemática. **Psico-USF**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 161-176, abr. 2017.

SILVA, Simone Gama da *et al.* OS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA PARA PESSOAS COM AUTISMO. **Revista Diálogos em Saúde**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 127-145, jun. 2018.

RICCO, Ana Claudia. **EFEITOS DA ATIVIDADE FÍSICA NO AUTISMO**. 2017. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

VIANA, Ana Clara Vieira *et al.* Autismo: uma revisão integrativa. **Revista Saúde Dinâmica**, Piranga, v. 2, n. 3, p. 1-18, jul. 2020.

VOLKMAR, Fred; WIESNER, Lisa. O que é autismo? Conceitos de diagnóstico, causas e pesquisas atuais. *In*: VOLKMAR, Fred; WIESNER, Lisa. **AUTISMO: Guia essencial para compreensão e tratamento**. 1. ed. [S. l.]: Artmed, 2019. cap. 1, p. 1-24. ISBN 8582715218.